

Que marxismo na África Austral?

por Carlos Cardoso

N. 13/8/82 p.3

Um dos ensaios mais polémicos apresentados na «Reunião de Peritos sobre os Problemas e Prioridades na Formação em Ciências Sociais na África Austral» foi o do Professor canadiano John Saul que actualmente lecciona na Faculdade de Marxismo-Leninismo da Universidade Eduardo Mondlane e na Escola do Partido.

Intitulado «Estudos de Desenvolvimento para a Mudança Social na África Austral», o ensaio propõe uma leitura crítica de várias abordagens analíticas que se apresentam dentro do quadro marxista.

John Saul aborda três «marxismos».

Em primeiro lugar, o «Marxismo-Populista» ou «Marxismo Nacionalista Negro», sintetizado nas obras de Dan Nabudere. Diz Saul: «Este pretensão marxismo torna a noção de "imperialismo" uma pedra filosofal que visa dissolver todas as complexidades analíticas enquanto que, na sua expressão mais extrema, quase apelida de traidor quem tente encontrar sob o "imperialismo" contradições adicionais nas realidades concretas da estrutura de classes interna».

Um segundo «marxismo» que Saul chama de «Marxismo Terceiro-Mundista», enfatiza «justificadamente os efeitos destruidores nos povos do Terceiro Mundo da vasta estrutura de dependência global, mas ao fazê-lo corre o risco... de promover uma subestimação do poder ainda existente do capitalismo para transformar as forças produtivas e as relações de produção, e assim alterar o terreno da luta na periferia do sistema capitalista global». Saul

acrescenta que esta «polarização entre centros e periferias» corre o risco de repetir os erros do «Marxismo-Populista», ou seja, minimizar a importância das lutas de classes na «periferia». Posto noutros termos, quem olha apenas para os horrores de exploração que vêm de fora esquece os horrores de co-participação e co-autoria nessa exploração que vêm de dentro.

Sobre estes dois «marxismos», a opinião — mais ou menos de consenso — foi de que o rótulo «marxista» de tais abordagens é abusivo. Essas abordagens são parte da teoria burguesa que encontra no rótulo «marxista» um canal de fácil penetração em áreas onde a acção do imperialismo criou justos antagonismos contra o imperialismo.

Em terceiro lugar, Saul critica aquilo que chama de «Marxismo-Formal» e de «Marxismo-Produtivista».

Na opinião de John Saul, o «Marxismo-Formal» é «um tipo de Marxismo que nunca recuperou do período glacial que foi o estalinismo. Generalizada numa filosofia da Natureza e elevada ao mais alto nível de abstracção, esta variante tende a degenerar num catecismo». Saul acrescenta que as primeiras tentativas de ensino do Materialismo Dialéctico e Histórico após a independência em Moçambique resultaram na «adopção acrítica deste tipo de aproximação». Saul afirma que «na própria FRELIMO a crítica a um tal "Marxismo-Leninismo" não é que os quadros/estudantes das Escolas do Partido tenham hesitado em aprendê-lo mas, antes, que o tenham aprendido bem demais».

Saul afirma que o «Marxismo-Formal» levou já a um fechar de

olhos às lutas de classes na fase de construção do socialismo, «encorajando soluções burocráticas e tecnicistas para os problemas do desenvolvimento». Analiticamente, diz Saul, o «Marxismo-Formal» deu origem a «definições eurocéntricas» sobre o grau de avanço socialista nos países subdesenvolvidos, definições como «a via não capitalista» e a «via de orientação socialista».

John Saul aponta como um dos pontos de partida para um estudo que situe o Marxismo no processo de desenvolvimento a própria experiência da FRELIMO, e cita Samora Machel a propósito: «O Marxismo-Leninismo desenvolveu-se entre nós como produto da nossa luta e do debate de ideias dentro da própria FRELIMO. Subestimar este facto é retirar ao Marxismo-Leninismo a força vital que possui em Moçambique, é reduzi-lo a "slogans" e estereótipos abstractos, a cópias pálidas de realidades para além das nossas fronteiras. O "Materialismo Histórico" deve ser estudado com referência à realidade da sociedade moçambicana, e com as circunstâncias específicas da sua evolução histórica».

Uma crítica à abordagem de Saul não foi tanto que ela não devesse expor as limitações do «Marxismo-Formal» mas que ela deveria, ao mesmo tempo, salvaguardar explicitamente o rico corpo teórico que se pode encontrar na sua evolução.

John Saul defende que o sucesso do Marxismo-Leninismo depende da sua aplicação «à situação concreta em que está inserido». Ele congratula o Centro de Estudos Africanos pela prossecução deste «Marxismo Aplicado» quer na investigação quer na formação de quadros. «Esta é uma prática da qual muitos mar-

xistas, tanto na região como noutros sítios, podem aprender». Mas, acautela Saul, «mesmo num contexto progressista como o de Moçambique, não faltam a falta de classes nem a tensão entre Direcção e acção de massas. A ligação da investigação e da formação ao topo pode ser uma tentação à autocensura pela parte do investigador». E Saul acrescenta, como limitação, que há que tomar em conta que «o modelo de investigação e formação, em parte exemplificado pelo CEA, inclina-se para o modelo de cima para baixo, mesmo que o "cimo" seja revolucionário».

Saul diz ser necessário, paralelamente, que «um Marxismo na África Austral mantenha vivas algumas das tensões clássicas que existem no seio do Marxismo, tensões que são precisamente os elementos que lhe dão vida e vigor, que lhe dão um carácter dialéctico».

Saul refere três tensões que considera importantes: as dicotomias Culturismo/Determinismo de Classe, Economismo/Voluntarismo, e Vanguardismo/Acção de Massas. Um «equilíbrio» no seu interior é necessário, afirma.

Alguns delegados criticaram esta parte da exposição de Saul dizendo que tais dicotomias não podem ser feitas sem se cair no perigo de apresentar o «equilíbrio» como um novo dogma. Não existem dicotomias como pressupostos, mas sim — disseram esses delegados — procuras de soluções concretas para problemas concretos em cada fase para se atingirem objectivos que são sempre políticos, revolucionários ou não; e isto, acrescentaram, é verdade para todas as situações independentemente das experiências acumuladas no campo de análise.

O ensaio de Saul levantou toda uma série de interrogações quer para a Teoria Marxista quer para a sua inserção na prática do combate de classes, interrogações essas de difícil resposta no «debate sem fronteiras» a que apelou o director do CEA, Aquino de Bragança, no início da Reunião.

* Director da Agência de Informação de Moçambique (AIM).